

O CHAMAMENTO PARA A CONVERSÃO ECOLÓGICA

SESSÃO UM – O CONTEXTO PARA A TEOLOGIA E ESPIRITUALIDADE ECOLÓGICAS

Patricia Gemmel, Graal na Austrália

Introdução

A espiritualidade é uma característica do ser humano; tem a ver com o propósito que atribuímos às nossas vidas; compreende a nossa relação com o eu e com os outros, com o mundo e com o Transcendente. Gosto desta descrição particular da teóloga americana, Sandra Schneiders: “É uma abordagem da vida constante e coerente como uma empresa incessante e conscientemente perseguida” (Schneiders 2003, 167). Claro que existem muitas, muitas formas diferentes através das quais podemos falar sobre ela. O teólogo australiano David Ranson afirma o seguinte: “A espiritualidade é uma certa atenção à vida – uma atenção que contém em si própria um certo desejo, uma certa esperança, uma certa antecipação. *A espiritualidade é atenção combinada com intenção* (Simone Weil). Atenção animada pelo desejo, ou atenção tornada intenção, desperta em nós a consciência duma relação aprofundada connosco próprias, com o mundo e com uma aceção maior do sentido (Ranson 2002, 17).

Creio que se estão aqui hoje a ouvir-me, já experimentaram o que é a espiritualidade. Conhecem como o coração humano é desassossegado e quanto procuramos transformarmo-nos. A espiritualidade *cristã* teve sempre a ver com a teoria e a prática da vida cristã, mas tanto a teoria como a prática sofrem constantemente mudanças, não apenas na história observável, como nas transformações ocultas das nossas próprias vidas. As nossas crenças mudam e com elas as nossas práticas espirituais. Estamos todas sempre em demanda. Existe sempre alguma coisa nova para abrir um pouco mais os nossos corações.

Ao longo desta semana, gostaria de explorar convosco a espiritualidade ecológica (ou ecoespiritualidade como é chamada muitas vezes) na esperança de que vão experimentando algumas mudanças durante o processo. Como com qualquer espiritualidade, esta espiritualidade encontra expressão na totalidade do nosso estilo de vida. Falando genericamente, é baseada na convicção da sacralidade de todo o universo criado, de que o Mistério Divino não é apenas a fonte de toda a criação mas também o poder interior que a sustem, e acredita na interligação de toda a vida. Tem a ver com viver uma vida que procure cuidar da terra, que se envolva com as crises ambientais do nosso tempo e da nossa época e que anseie e trabalhe pela justiça para todas as criaturas. E é marcada por atitudes de reverência, admiração e gratidão. É claramente uma espiritualidade que encontra abrigo em todas as religiões do mundo. E claro que existem também ecoespiritualidades não-religiosas.

O que pretendo abordar ao longo dos próximos dias é a ecoespiritualidade na tradição cristã. Existe um campo vasto e crescente de teologia ecoespiritual que pretende casar a história cristã com a história do universo contada pela ciência. Gostaria de falar-vos

sobre alguns dos temas significativos que estão a emergir desta teologia e de como eles estão a mudar a paisagem teológica cristã. Esta teologia é escrita sem pudor com uma intenção muito clara: a sobrevivência da espécie humana numa terra em flor. Requer uma ação radical, mas reconhece também que essa ação apenas é possível se primeiro houver uma transformação radical dos nossos corações e das nossas mentes. E eles dizem-nos infalivelmente que essa transformação só é possível através de algum tipo de prática contemplativa. *Por outras palavras, é a nossa permanente transformação espiritual que é a condição sine qua non das mudanças radicais no estilo de vida que a terra requer de nós se queremos continuar a florescer como espécie.*

Qual é o contexto basilar da teologia e espiritualidade ecológicas?

Sabemos que toda a teologia é contextual. Ao começarmos a ler alguma da literatura (e há muito por onde escolher) começamos a ver que existem duas histórias fundamentais que sustentam toda a empreitada. A primeira tem sido chamada a história do assombro: esta é a “nova história” do cosmos como nos é contada pela ciência, a história de como o universo surgiu e de como evoluiu a partir do primeiro momento daquilo a que se costuma chamar o Big Bang e de como está ainda a evoluir até hoje. Esta é a história que sustenta aquela que é por vezes chamada a teologia da criação, a história que proporciona uma nova revelação de Deus e é estudada seriamente e contemplada como tal pelos teólogos que tentam articular novas perceções de quem ou o quê é Deus e de como Deus opera.

Esta história, a história do Universo, tem a capacidade de nos fazer sentir um profundo espanto e alegria. A outra história está cheia de horror e desespero. É aquela que vemos quando olhamos para o mundo em que vivemos, quando fazemos um balanço ao que fizemos à terra, especialmente nos últimos duzentos ou trezentos anos, em que os cientistas falam de frágeis biosistemas que estão a falhar ou da extinção de espécies numa escala sem precedentes, quando vemos que os pobres e vulneráveis deste mundo estão a sofrer pela forma como maltratámos a mãe-terra e os nossos semelhantes. Esta é a história da exploração negligente da criação para ganho individual feita pela humanidade.

A ecoteologia mantém estas duas histórias numa tensão criativa, fornecendo razões para a esperança perante a devastação esmagadora. Mas a esperança reside em *nós*, seres humanos, e os teólogos nem sempre estão otimistas de que veremos a luz e que nos transformaremos. Alguns endorsam abertamente a possibilidade de nos extinguirmos como espécie.

Gostaria agora de examinar estas duas histórias em mais pormenor uma vez que elas são tão importantes para a nossa compreensão de qualquer tipo de teologia ou espiritualidade ecológica. Vou começar com a história de horror da crise ecológica em que nos encontramos hoje. Encontrarão isto reiterado em toda a literatura; de facto, é a motivação crucial de toda a ecoteologia, “os sinais dos tempos” que trouxeram à luz toda esta teologia contextual particular. Um dos relatos mais comoventes desta história encontra-se no capítulo 9 de *Ask the Beasts* da teóloga americana Elizabeth Johnson.

Com uma empatia poderosa ela evoca as suas dimensões trágicas e conclui que “a contínua destruição da vida na Terra através da ação humana, propositada ou não, tem o carácter de um profundo fracasso moral” (Johnson 2014, 255).

O Papa Francisco começa a sua primeira encíclica, *Laudato Si*, com esta história. No primeiro capítulo intitulado “O que está a Acontecer à Nossa Casa Comum”, ele afirma: “O objetivo não é recolher informações ou satisfazer a nossa curiosidade, mas tomar dolorosa consciência, ousar transformar em sofrimento pessoal aquilo que acontece ao mundo e, assim, reconhecer a contribuição que cada um lhe pode dar.” (19) Notarão que o ponto de partida de Francisco é o que está a acontecer à nossa casa comum e o seu ponto de chegada ou objetivo é que façamos alguma coisa em relação a isso. Mas olhemos para a forma como lá chegar. Devemos *ousar* transformar o sofrimento da terra em sofrimento *pessoal*. Francisco pede-nos o que todos os teólogos nos pedem: uma mudança radical de consciência que transforme o mundo. Como conseguir essa mudança da consciência na realidade, na prática, é do que trata a ecoespiritualidade.

Que menciona Francisco no capítulo I? Fala de poluição, do desperdício e da cultura do descarte, da mudança climática, da questão da água, da perda da biodiversidade, da deterioração da qualidade da vida humana e da degradação social e, finalmente, da desigualdade global. É um relato trágico do fracasso humano. Há muitas mais questões ambientais que poderíamos referir e decerto cada uma de nós guarda no coração algumas em especial. Gostaria de vos chamar a atenção apenas para uma esta manhã – a questão da perda da biodiversidade. Escolhi esta porque penso que é considerada muitas vezes como sendo menos prioritária do que as questões que têm um impacto mais óbvio nos estilos de vida humanos como a mudança climática e o aquecimento global. E no entanto, Francisco falou demoradamente sobre esta questão. Talvez isto não seja surpreendente, quando consideramos que se antecipa que entre um quarto e um terço dos animais e plantas do mundo poderão desaparecer nos próximos 100 anos. Gostaria agora de ler convosco algumas partes:

Anualmente, desaparecem milhares de espécies vegetais e animais, que já não poderemos conhecer, que os nossos filhos não poderão ver, perdidas para sempre. A grande maioria delas extingue-se por razões que têm a ver com alguma atividade humana. Por nossa causa, milhares de espécies já não darão glória a Deus com a sua existência, nem poderão comunicar-nos a sua própria mensagem. Não temos direito de o fazer. (33)

Mas, contemplando o mundo, damo-nos conta de que este nível de intervenção humana, muitas vezes ao serviço da finança e do consumismo, faz com que esta terra onde vivemos se torne realmente menos rica e bela, cada vez mais limitada e cinzenta, enquanto ao mesmo tempo o desenvolvimento da tecnologia e das ofertas de consumo continua a avançar sem limites. Assim, parece que nos iludimos de poder substituir uma beleza insuprível e irrecuperável por outra criada por nós. (34)

Visto que todas as criaturas estão interligadas, deve ser reconhecido com carinho e admiração o valor de cada uma, e todos nós, seres criados, precisamos uns dos outros. (42)

Francisco termina o Capítulo Um com esta afirmação preocupante:

Basta, porém, olhar a realidade com sinceridade, para ver que há uma grande deterioração da nossa casa comum. A esperança convida-nos a reconhecer que sempre há uma saída, sempre podemos mudar de rumo, sempre podemos fazer alguma coisa para resolver os problemas. Todavia parece notar-se sintomas dum ponto de rutura, por causa da alta velocidade das mudanças e da degradação, que se manifestam tanto em catástrofes naturais regionais como em crises sociais ou mesmo financeiras, uma vez que os problemas do mundo não se podem analisar nem explicar de forma isolada. Há regiões que já se encontram particularmente em risco e, prescindindo de qualquer previsão catastrófica, o certo é que o atual sistema mundial é insustentável a partir de vários pontos de vista, porque deixamos de pensar nas finalidades da ação humana: «Se o olhar percorre as regiões do nosso planeta, apercebemo-nos depressa de que a humanidade frustrou a expectativa divina. (61)

Felizmente há outra história para contar. Em 1992, Brian Swimme, um cosmólogo, e Thomas Berry, um historiador cultural e teólogo, foram coautores de um livro inovador. Chamava-se *The Universe Story: From the Primordial Flaring Forth to the Ecozoic Era – A Celebration of the Unfolding of the Cosmos (A História do Universo: Da Explosão Primordial à Era Ecozoica – Uma Celebração do Desabrochar do Universo)*. Este livro conta-nos a nova história da criação. Foi baseado em evidência empírica e científica e, embora muito deste conhecimento já estivesse disponível, o que Swimme e Berry fizeram, antes de mais, contá-lo como uma história e depois contextualizar a história científica numa estrutura significativa. Ao fazê-lo produziram algumas percepções interpretativas significativas. O mais importante para mim foi que esta nova história da criação não pertence a uma tradição religiosa específica mas a toda a humanidade; como tal, tem potencial para nos unir fazendo-nos ver que, como criaturas, partilhamos uma origem comum e um destino comum. A sua grande esperança é que a humanidade se aproprie desta nova história enquanto novo “mito da criação” e assim encontre formas para trabalhar em conjunto e inaugurar uma nova era. Chamam a esta era a Era Ecozoica; é também frequentemente denominada Era Ecológica e imaginam-na como uma era onde encontraremos uma nova forma de ser humano na qual, em conjunto, cuidamos da terra e de todos os seus sistemas de vida e vivemos em harmonia com ela.

O problema é que *pensamos* que conhecemos a história da evolução do universo. Mas eu creio que o Génesis está ainda firmemente enraizado na nossa psique ocidental. Para a história do universo ter algum poder é preciso que se enraíze igualmente na nossa mente coletiva. Precisamos de a ouvir muitas vezes; precisamos de imaginá-la, refletir sobre ela, contemplar a sua magnificência e mistério com reverência. Ainda não tivemos a nossa quota-parte desta história. Por isso vou contar-vo-la mais uma vez.

A História do Universo (apresentação de diapositivos).

O universo observável estende-se da Terra em todas as direções ao longo de cerca de 14 biliões de anos-luz. Tudo começou há cerca de 13,7 biliões de anos, como uma “singularidade” (este é o termo científico) incrivelmente minúscula, incrivelmente densa e imensamente quente e que rapidamente começou a expandir-se como um balão. *Big Bang* é a metáfora que foi escolhida pelos cientistas para descrever este momento inicial.

Três minutos depois o universo era uma mistura de núcleos de hidrogénio e hélio, com pequenas quantidades de outros elementos, que se expandia e arrefecia. Demorou outros 377.000 anos para se formarem os primeiros átomos de hidrogénio e de hélio.

Um bilião de anos depois, o universo, que se continuava a expandir e a arrefecer, formou nuvens de hidrogénio e de hélio e estas tornaram-se as primeiras galáxias.

Nasceram as primeiras estrelas que iluminaram o universo. Reações nucleares nestas estrelas produziram todos os elementos que encontramos na terra (excluindo o hidrogénio e o hélio). “Cada átomo de cada corpo que se encontra na Terra teve origem numa estrela. A vida está intimamente ligada às estrelas. Se não houvesse estrelas não existiriam árvores, flores, cangurus ou seres humanos. Somos todos feitos de pó de estrelas” (Edwards 2004, 13)

Há cerca de 100 biliões de estrelas na galáxia da nossa Via Láctea e os cientistas estimam entre 100 e 200 biliões de galáxias no universo observável.

Há cerca de 4,6 biliões de anos, o Sol nasceu na Via Láctea e o sistema solar de planetas formou-se à sua volta. Formou-se a Terra.

A primeira vida na terra, que surgiu há cerca de 3,7 biliões de anos, eram apenas células de bactéria sem núcleo (procariontes). Um bilião de anos mais tarde surgem os eucariontes – criaturas de célula única com núcleo. Este foi um passo evolucionário enorme.

Ao longo de vários biliões de anos, a atmosfera da terra tornou-se rica em oxigénio devido à fotossíntese das bactérias azuis-verdes. Brian Swimme chama à fotossíntese uma “magia profunda”.

Surgiram os animais multicelulares e há uma explosão de vida criativa. Os registos fósseis mostram uma abundância de formas de vida diversas nos mares durante o período câmbrico (545-495 milhões de anos).

Há cerca de 375 milhões de anos apareceram os primeiros animais terrestres.

Há 248 milhões de anos, houve uma extinção terrível da maior parte dos animais da terra, seguida de uma era dos dinossauros, répteis voadores, répteis marinhos e mamíferos nos períodos Triássico (há 248-206 milhões de anos) e no Jurássico (há 206-144 milhões de anos).

No período Cretáceo (há 144-65 milhões de anos) apareceram as aves e as plantas com flor. No final deste período os dinossauros extinguiram-se e os mamíferos começaram a diversificar-se e a prosperar.

Os primeiros homínídeos evoluíram dos macacos entre 4 e 2 milhões de anos atrás em África. O *Homo erectus* surgiu há cerca de 2 milhões de anos e o *Homo sapiens* surgiu do *Homo erectus* há cerca de 180.000 anos, também em África. A partir daí espalharam-se pela Austrália (há 60.000 anos), Europa Ocidental (há 35.000 anos), Ásia oriental (há 30.000 anos) e América do Norte (há 12.000 anos).

Diarmuid O’Murchu descreve assim a história:

“É uma narrativa complexa e longa e de cheia de surpresas, falhas ocasionais e vários paradoxos, desconcertante, misteriosa e estonteante. E ainda não chegámos ao fim – se alguma vez vier a haver um fim. Outras criaturas, talvez inimagináveis para nós hoje, evoluirão na devida altura. Não há limites para o poder do Espírito criador” (O’Murchu 2002,63).

...

A boa notícia é que esta história está facilmente acessível a quem quer que deseje saber mais. Fizeram-se muitos documentários e séries de televisão sobre a evolução do cosmos e as maravilhas do universo recentemente e todos eles têm sido muito populares. As pessoas querem ouvir esta história. Este é um sinal muito promissor porque esta história tem o poder de, nos nossos dias, acordar de novo em nós o nosso sentido de reverência; de nos transmitir

quem somos no grande esquema do universo e apontar o caminho a uma nova forma de estar no mundo. Precisamos de a ouvir contada de forma imaginativa vezes sem conta.

Dei-vos o mais breve dos esboços desta história e poderão ter reparado que a contei como uma série de processos físicos. E claro que assim é. Mas é muito mais que isso. Swimme e Berry escreveram o seu livro para demonstrar que “o processo evolucionário é desde o início um processo espiritual tanto quanto físico” (Berry 1990, 87) Eles afirmam que se a vida na terra conseguiu evoluir até uma espécie de tinha atributos psíquicos e espirituais, então o universo deve ter tido uma dimensão psíquica/espiritual desde o seu início. Em *The Dream of the Earth (O Sonho da Terra)* escrito alguns anos antes, Thomas Berry escreveu:

A pesquisa empírica do universo revela que dos seus inícios no sistema galáctico até à sua expressão terrena em consciência humana, o universo transporta em si uma dimensão psíquico-espiritual assim como uma dimensão físico-material. De outra forma, a consciência humana surge de lugar nenhum. O ser humano é visto como uma adenda e uma intrusão e desta forma não encontra um verdadeiro lugar na história do universo. Na realidade, o ser humano ativa a dimensão mais profunda do próprio universo, a sua capacidade de refletir e de se celebrar a si próprio numa autoconsciência lúcida (Berry, 1990, 131-2).

Diarmuid O’Murchu, outro ecoteólogo bem conhecido, exprime-o desta forma: *o universo está vivo*”. Escreve sobre ele como uma bênção e uma dádiva extravagante, vê-o como um universo vivo que requer uma resposta relacional e não exploradora. A sua escrita é lírica e apaixonada ao tentar fazer-nos ver o mundo a uma luz diferente. Esta é a tarefa de todos aqueles que escrevem sobre teologia hoje.

A última análise da História do Universo feita por Berry é a seguinte:

Embora ainda não tenha sido entendido, este relato científico do universo é o maior acontecimento religioso, moral e espiritual que se deu nestes séculos. É o supremo acontecimento humanístico e espiritual assim como o supremo acontecimento científico. A missão sublime da educação moderna é revelar a verdadeira importância da história para a totalidade dos assuntos humanos e da terra (Berry 1990, 98).

Todos os ecoteólogos cristãos concordariam com esta visão hoje. Mas como disse antes, esta história pertence a todos nós. Susan Murphy é uma budista e professora de Zen australiana que escreveu um livro intitulado *Minding the Earth, Meending the World (Cuidando da Terra, Curando do Mundo)*. Para ela, a história do Universo tem o poder de “incendiar a capacidade imaginativa nos seres humanos para absorver o que está a ser penosamente clarificado pela terra neste momento, e dar uma resposta” (Murphy, 2004, 7). As histórias antigas já não são adequadas para nos ajudarem – de facto, contribuíram para a devastação que enfrentamos neste momento – e Murphy transmite esta nova história com paixão como forma de transformarmos os nossos corações e as nossas mentes. Para ela é muito claro o que é necessário para tal: intenção consciente e esforço, o que, para ela, se traduz na prática da consciência total chamada meditação. O que Murphy esperou conseguir através do seu livro foi ajudar-nos a recuperar o nosso assombro pelo mundo natural, ajudar-nos a “ reestabelecer-nos psiquicamente no interior da realidade do cosmos que se vai revelando” e a tomarmos consciência da interligação entre toda a vida. (Murphy 2014, 128).

Recomendo vivamente o *Dream of the Earth (Sonho da Terra)* de Berry. É um livro que foi profético no seu tempo (escrito em 1988) e certamente mudou muitas das minhas perceções. Escolhi alguns parágrafos do Capítulo 5, “A Era Ecológica”, para refletirem.

Proponho agora que façamos um intervalo de dez minutos em silêncio para refletirdes sobre o que acabei de dizer, ler, pensar e depois teremos algum tempo para trocarmos ideias. A minha questão neste momento é: já se sentem desafiadas?

Aquilo que vimos até agora esta manhã é a realidade do nosso mundo atual apelando a que nos transformemos. E quando digo “nós” não quero dizer cristãos em particular, quero dizer todos os seres humanos do planeta. É por isso que Francisco dirige a sua encíclica a toda a família humana. “Necessitamos de uma solidariedade nova e universal”, afirma. Consideremos brevemente algumas respostas seculares a esta realidade do mundo atual. Existe desespero, existe indiferença, existe negação, existe ceticismo, existe letargia e paralisia, existe confiança cega de que a tecnologia nos salvará. Existem esforços comuns individuais e locais para mitigar os estragos que provocámos e continuamos a infligir à terra: pensemos na reciclagem, painéis solares, energia renovável, sistemas de transportes públicos, taxas de carbono e esquemas de emissões, etc. Há muitos grupos pequenos e praticamente invisíveis de cidadãos preocupados que tentam fazer a diferença. Há iniciativas globais sobre questões ambientais, mudanças climáticas em particular, embora elas muitas vezes não tenham tido resultados. Há vozes proféticas não-religiosas.

Gostaria de mencionar uma dessas vozes proféticas. Naomi Klein, uma feminista judaica canadiana e secular, também jornalista, analista política e ativista social, foi à Austrália em setembro último para o Festival de Ideias Perigosas. Escreveu recentemente um livro intitulado *This Changes Everything: Capitalism vs the Climate (Isto Muda Tudo: Capitalismo contra Clima)*. Ouvi-a falar na rádio em Sydney. Disse ela: “ Encontramo-nos apenas perante opções radicais... Não estão sobre a mesa opções não-radicais” Programa de rádio da ABC, *Late Night Live*, 2 de setembro de 2015). O que ela queria dizer é que se não fizermos nada em relação às mudanças climáticas, as nossas vidas serão de qualquer forma radicalmente alteradas pelas mudanças climáticas. Mas se enfrentarmos o problema e o resolvermos, também exigirá de nós mudanças radicais no nosso estilo de vida. Ela é uma advogada poderosa e apaixonada de um futuro diferente, e o Papa Francisco convidou-a a ir ao Vaticano para falar numa conferência de imprensa sobre a *Laudato Si* e participar numa conferência de dois dias intitulada “As Pessoas e o Planeta em Primeiro Lugar: o Imperativo de Mudar o Curso” que teve lugar em julho do ano passado (2015). Estas interessantes alianças deverão continuar.

Os ecoteólogos escrevem muitas vezes sobre a urgência do momento que vivemos. Não há tempo a perder, dizem. Mas isto é o que Mark Carney, governador do Banco de Inglaterra, tinha a dizer em 29 de setembro de 2015, num discurso que deu ao Lloyd’s de Londres sobre as mudanças climáticas e a estabilidade financeira: “Embora haja ainda tempo para agir, a janela de oportunidade é finita e está a diminuir”.

O facto do Papa, a cabeça da Igreja Católica, ter escrito uma encíclica dirigida a todo o mundo sobre a urgência da conversão ecológica é absolutamente espantoso. É verdadeiramente algo que traz modificações ao jogo na esfera mundial. Até esse momento, tinha decerto havido vozes cristãs proféticas que se ergueram em defesa da terra e o movimento ecológico no seu conjunto tinha vindo, creio, a ganhar impulso discretamente. O que o Papa Francisco fez foi trazer a ecologia das margens para o centro. Os católicos, pelo menos, já não podem dizer que esta não é uma questão moral grave. É, de facto, apresentada como a questão moral mais urgente dos nossos tempos.

Em 1967 apareceu um artigo numa revista americana chamada *Ciência*, intitulada “As Raízes Históricas da Nossa Crise Ecológica”. Era de autoria de Lynn White Junior, um historiador, e o seu artigo abalou o mundo teológico cristão. Na sua análise relativamente breve ele culpava o

Cristianismo Ocidental pela crise ecológica, declarando que este carregava “uma enorme carga de culpa” pelo seu antroporfismo e a sua indiferença arrogante em relação à natureza. É certo que o Cristianismo tem muito por que responder. No entanto, também é verdade que houve sempre veios do pensamento, da teologia e da prática cristãs que se insurgiram contra o modelo dominante. (Se estiverem interessadas em ler mais sobre este assunto, Elizabeth Johnson tem um excelente artigo intitulado “Perder e Encontrar a Criação na Tradição Cristã” na *Christianity and Ecology*, ed. Dieter Hessel e Rosemary Dieter Hessel e Rosemary Radford Ruether, 200.)

A crítica de Lynn White ao Cristianismo perturbou obviamente muitos teólogos e fê-los reexaminar criticamente a sua teologia. Mas eles não estavam apenas interessados em defender a teologia cristã tal como estava. Começaram a procurar novas formas de a articular de modo que ela nos proporcionasse novos entendimentos de Deus, da criação, do que significa ser humano e de Jesus Cristo enquanto Filho Incarnado de Deus. E lendo todo este trabalho que tentou de forma cândida transformar a nossa visão do mundo e trazer-nos para a comunhão com o mundo natural, há uma linha comum de reconhecimento de que este conhecimento não é suficiente. Tem que se tornar um conhecimento vivido, uma fé viva. O futuro da terra depende disto. Ao longo dos próximos dias olharei para algumas destas vozes ecológicas e para alguns dos temas importantes que encontramos na ecoteologia.

Algumas das vozes importantes (de língua inglesa) neste campo: Thomas Berry, Brian Swimme, Denis Edwards, Elizabeth Johnson, Sean McDonagh, Diarmuid O’Murchu, Sallie McFague, Iliá Delio.

Queria terminar a sessão de hoje pedindo-vos para refletirem sobre vós próprias, sobre a vossa própria relação com as duas histórias que vos apresentei esta manhã. De que forma estás consciente do estado do planeta? Precisas de saber mais? Estás mesmo interessada? A História do Universo pode falar-te de forma mais profunda? De que maneiras podes comprometer-te com a História do Universo para deixar que ela incendeie a tua imaginação e mude a tua consciência? Acreditas que temos uma responsabilidade moral premente em cuidar do mundo já, ou vês as coisas de forma diferente? (Alguns minutos para reflexão individual.)

Meditação Guiada: Regressando à Encarnação na Criação (Delio, Warner and Wood, 2008, 56-60)

Senta-te numa posição confortável e fecha os olhos. Foca a atenção na respiração e deixa que o teu corpo descontraia. Examina o teu corpo, o teu coração e a tua mente. Sem julgar, toma consciência de onde te encontras hoje. Liberta-te de qualquer atividade que tenhas feito ou do que ainda tens para fazer, instala-te apenas no momento presente. Observa à medida que os pensamentos vão e vêm. Ao chegarem, imagina-os como uma folha ou uma pena e deixa-te ir à medida que eles flutuam suavemente na brisa até poisarem na terra.

Agora sente o peso do teu corpo na cadeira. Algumas partes do corpo assentam com mais peso na cadeira do que outras. Imagina cada um destes pontos de contacto descontraindo um pouco e fundindo-se na direção da terra. Sente a solidez da terra e a forma como te ampara. Descontraí, deixando a gravidade ajudar a passar a tua tensão à terra. À medida que a terra absorve a tua tensão, e que os teus músculos descontraem, sente a gravidade a trabalhar em ti e a apoiar-te de forma segura contra a terra. Deus deseja a tua proximidade e ligação com a terra, que nos ampara como uma mãe através da sua força gravitacional. Cada planeta e estrela, cada ser humano e animal, cada pedra e árvore e planta, cada molécula e cada átomo são

atraídos uns para os outros através desta força básica que mantém o universo coeso numa grande família cósmica. Agra escuta o teu coração a bater e descontraí ainda mais nesta solidez.

S. Francisco de Assis amava a terra, caminhava respeitosamente sobre ela como se fosse terreno sagrado. Quando caminhava sobre pedras, “caminhava com receio e reverência nascidos do amor por Aquele que tem por nome “a Pedra angular”. Também nós somos chamadas a caminhar com leveza no nosso planeta, sempre suportados pela nossa mãe Terra que foi criada para nos apoiar em todos os momentos.

Presta agora atenção à tua respiração. Nota apenas a respiração sem qualquer necessidade de a modificar. Quando o pensamento vaguear, foca-o novamente com cuidado na respiração, deixando-o aí. Deixa a tua mente passiva mas alerta à medida que o teu corpo começa a relaxar. Toma consciência do facto da tua respiração acontecer por si própria. Mesmo quando não lhe prestas atenção, o Espírito da Luz respira através de ti em cada momento da tua vida. Dedicar agora algum tempo a alimentar a consciência deste milagre da respiração. Traz agora para o pensamento o ar que expiras, que se move para além de ti para encher todo o céu, juntando-se aos grandes ventos que envolvem o nosso planeta. Dos oceanos aos desertos ao vento sobre prados alpinos, o nosso planeta é arrefecido por este ar que dá vida, que se move por sobre a sua superfície em correntes de ar e clima. A nossa fina camada de atmosfera protege miraculosamente a fragilidade da vida neste planeta. Com Francisco podemos dançar com o Irmão Vento e olhar a Irmã Lua e as estrelas, contemplando a vastidão de Deus que nos é revelada no universo que é a nossa casa. Podemos tornar-nos conscientes de que este ar precioso nos liga uns aos outros, através do globo e através das eras. Este mesmo ar que respiramos foi respirado pelos nossos antepassados, por santos e por pecadores ao longo dos tempos, pelo próprio S. Francisco. Continuará a circular desta forma até os nossos filhos e tetranetos o respirarem pelos seus pulmões para que também eles se encham de vida.

Agora imagina o sol sempre que está no céu. Cada manhã o nosso planeta se volta para o sol, absorvendo o seu calor e sorvendo a sua energia vital. Em cada segundo, o nosso enorme e generoso sol oferece quatro milhões de toneladas de si próprio, diariamente transformado em luz radiosa e energia, livre para ser usada por toda a vida na Terra. Plantas verdes evoluíram para absorver esta energia do sol e convertê-la em alimento para si próprias. Ao fazê-lo, as plantas alimentam toda a vida neste planeta ao disponibilizarem essa energia aos humanos e a outros mamíferos para ingerir quando comem. Toda a vida depende de energia e toda a energia tem o sol como sua fonte última. Com Francisco, também nós celebramos o milagre do Irmão Sol cuja energia vivificante corre também pelos nossos próprios corpos: aquecendo os nossos corações, incendiando os nossos sonhos e alimentando o nosso trabalho no mudo.

Torna agora presente o elemento da água no nosso planeta azul-verde; os grandes oceanos cobrem dois terços da sua superfície, os cursos de água e rios e lagos. Imagina também os enormes glaciares e as montanhas coroadas de neve que mantêm a água em reserva para nós, libertando-a pouco a pouco ao longo do tempo para uso de todos os seres vivos, e as calotas geladas que arrefecem os polos e desempenham um papel chave na circulação do ar e da água em todo o planeta. Dá graças pelo ciclo da água que extrai toda esta água para a atmosfera, fazendo-a circular por todo o mundo, trazendo as chuvas purificadoras que alimentam a vida. Absorvemos esta água: compõe 70 por cento dos nossos corpos e faz parte de cada célula e de todas as células e do nosso sangue e das nossas lágrimas. Os que viveram com Francisco dizem que ele reverenciava a água escolhendo lavar as mãos “onde a água não fosse pisada após a lavagem”. Com Francisco, maravilharmo-nos com o prodígio da água e honramos o sangue que dá vida aos nossos corpos e à nossa terra generosa.

Tal como todas as criaturas vivas, nós humanos precisamos de alimento, de um lar e de uma família e não existem outros para nós e para qualquer outra criatura viva a não ser o nosso planeta Terra. Caminhando com Francisco pela casa de Deus, honrando cada um dos elementos da criação, reverenciamos a espantosa hospitalidade do nosso planeta-casa. Nós, filhos e filhas pródigos, podemos aprender a apaixonar-nos de novo pela nossa casa e ficar a apreciar mais completamente a nossa total dependência da sua generosidade. Podemos seguir o exemplo de Francisco e recordarmos que a terra não é apenas a nossa casa, mas é primeiro e sobretudo a casa de Deus. Podemos reconstruir laços de amor, cuidado, preocupação e companheirismo não apenas com os nossos irmãos e irmãs humanos, mas com a casa da criação que nos sustem e é parente de todos nós. Podemos caminhar na criação de Deus diariamente, lembrando-nos que a face do Divino brilha através de cada e de todas as coisas, mesmo que aparentemente pequenas ou insignificantes. Através da criação, o inefável torna-se tangível e nós podemos sentir o esplendor de Deus na beleza da ordem natural.

Deixa-te agora ficar sentada durante uns minutos em silêncio, deixando-te repousar na experiência desta meditação com um coração grato por tudo que o nosso Criador nos deu. Volta a atenção de novo para a tua respiração, deixando-a aí ficar por uns momentos, e quando estiveres pronta, abre os olhos.

“Acredito que São Francisco é o exemplo por excelência do cuidado pelos vulneráveis e de uma ecologia integral vivida com alegria e autenticidade” (Papa Francisco, *Laudato Si*, 100).